

Edição nº 10 | Março de 2014

PEABIRU EDIÇÃO ESPECIAL

PEABIRU CARTONERA

PALAVRAS DO MUNDO | POEMAS & CONTOS

UMA REVISTA COLABORATIVA SOBRE CULTURA LATINO-AMERICANA

EXPEDIENTE

Equipe:

Coordenador do projeto:

Renan Xavier

Orientação pedagógica:

Débora Cota

Idealizadora e Editora:

Michele Dacas

Bolsistas:

Rafael Maier e Vicente Giardina

Diagramação:

Christiano Takatsch

Revisão:

Patrícia Librenz

Fotos Ilustrativas:

Danto Giardina

COLABORADORES:

Colectivo UNILA Cartonera

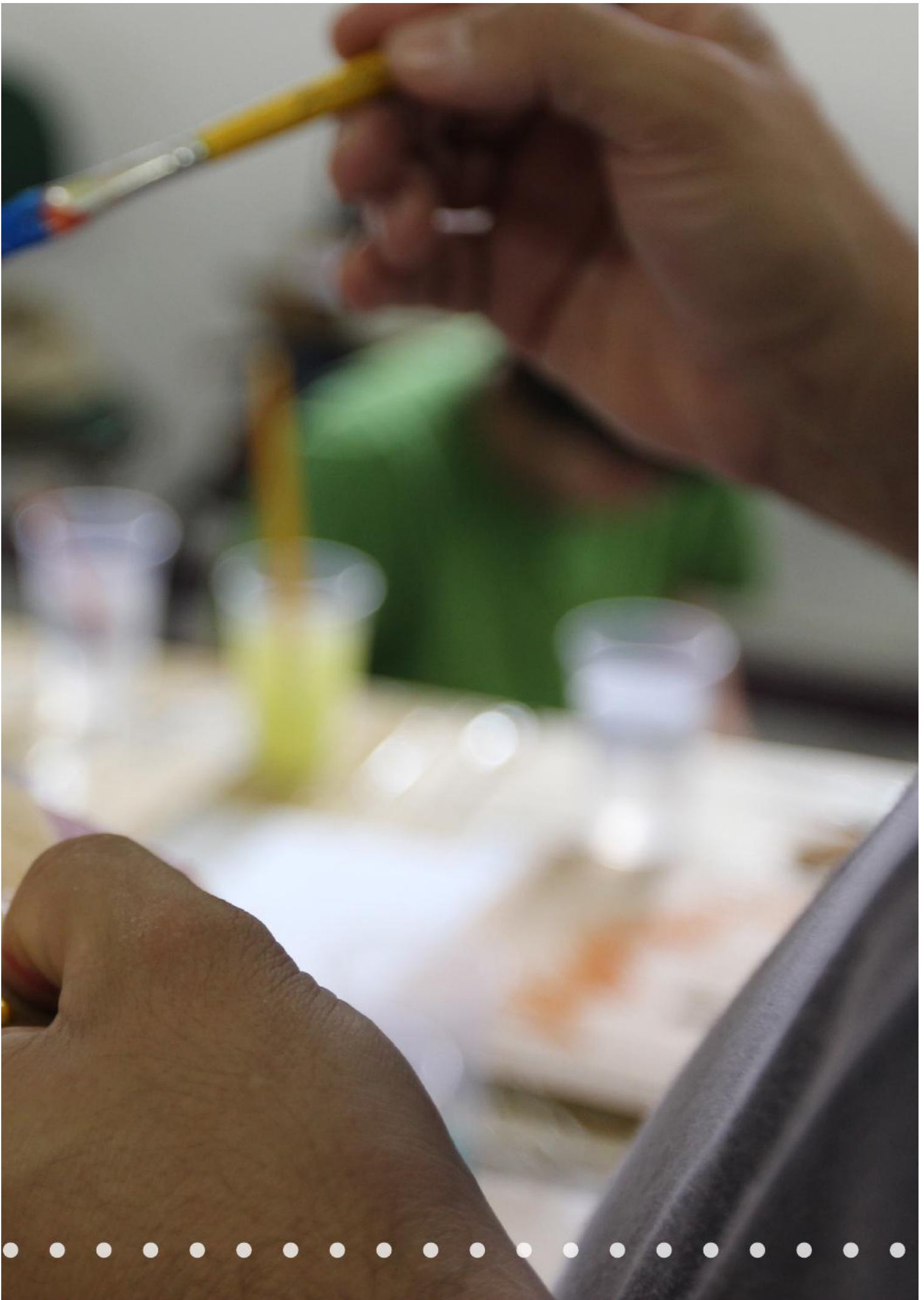
Felipe Espínola,
Marco Roberto de Souza Albuquerque
e Diana Araujo Pereira - Grupo PET/
Conexões de Saberes

Contacto: diana.pereira@unila.edu.br

realização:

Secom

Secretaria de Comunicação Social





EDITORIAL

Caminhar junto também é um dos pilares que movimenta e alimenta as nossas páginas e o nosso fazer diário sobre a cultura latino-americana, atravessada por diferentes fronteiras. Nesta publicação de março, a Revista Peabiru caminha junto e faz uma parceria com o grupo PET/Conexões de Saberes da UNILA, produzindo a versão *online* dos contos e poesias selecionados no II Concurso Literário UNILA Cartonera de 2014. Para esta edição especial, também convidamos alguns ilustradores e fotógrafos para juntarem-se a nós e expressarem através da sua arte, diferentes leituras sobre os contos e poesias em trânsito pelas nossas páginas...

CAMINHE JUNTO,
E TRANSITE ENTRE
MUNDOS!

As cartoneras são consideradas “editoras” alternativas e artesanais vinculadas a grupos que autorregulam e gerenciam a criação artesanal de livros fotocopiados e com capas de cartolinas coloridas manualmente. Em sua estrutura as cartoneras apresentam gastos mínimos, e tem se expandido por toda América Latina, contando atualmente com mais de setenta cartoneras. Os resultados desta iniciativa mostram que a experiência cartonera recupera o objeto livro, agregando conotações sociais e ecológicas, ressignificando-o em pleno século XXI.

Para contar um pouco mais sobre esta prática entrevistamos Diana Araujo Pereira, pesquisadora e realizadora do concurso UNILA CARTONERA, confira:

Peabiru: Qual o papel da Cartonera em um contexto do hibridismo de linguagens e convergência dos formatos de mídia?

Diana: A cartonera é fruto deste contexto contemporâneo, de hibridismo de linguagens e convergências, já que agrega no seu próprio formato literatura e artes visuais. Além disso, normalmente os grupos cartoneros trabalham muito as redes sociais através de blogs, por exemplo, e promovem eventos que vão além da literatura, que incluem teatro, performance, dança, música. A cartonera traz um novo modo de pensar as artes, tornando-as acessíveis e promovendo um ambiente muito participativo.

Peabiru: Quais as características que melhor diferenciam a cartonera da editoração convencional quanto ao seu formato, conteúdo e distribuição?

Diana: A cartonera abre um novo espaço em termos, sobretudo, de política editorial, pois democratiza o lugar da escrita, da leitura; promove uma ampla participação entre setores sempre marginalizados



do mundo “livresco”. Seu conteúdo é capaz de abrigar tanto aqueles que não estão legitimados pelo cânone, simples leitores e escritores principiantes, quanto escritores já consagrados. E a distribuição também pretende ser mais acessível na medida em que o seu processo de produção é barato. A ideia é democratizar o acesso ao livro objeto, mas também ao livro tomado como lugar de escrita e leitura, como símbolo de certa legitimação cultural.

Peabiru: Poderíamos entender a Cartonera como uma alternativa de publicação local frente ao mercado editorial global?

Diana: Sim. A indústria do livro é marcada pelas grandes transnacionais, como em qualquer âmbito produtivo atual. A cartonera oferece esta possibilidade da fala local, das vozes que provavelmente nunca teriam acesso ao mercado formal do livro.

Peabiru: Qual a importância da prática da Cartonera para as universidades?

Diana: A cartonera pode ser uma excelente prática pedagógica, e neste sentido pretendemos desenvolver muito o seu potencial. Ela pode abrigar tanto leituras acadêmicas, ensaios que façam parte da bibliografia dos cursos, como também promover a circulação dos trabalhos escritos dentro do ambiente acadêmico, seja de professores ou de estudantes. Com isso, seria mais fácil lermos uns aos outros e levar nossas pesquisas para fora dos muros da universidade, tornando-a acessível à comunidade exterior.

Peabiru: Qualquer pessoa ou grupo pode realizar uma publicação em Cartonera?

Diana: Sim, qualquer pessoa ou grupo que se disponha a publicar de maneira artesanal e coletiva, e que tenha interesse na democratização da escrita e da leitura.



LA PUERTA ESTRECHA O PALMAS PARA TODOS.

En la actual edición de la Unila, ocurrió el prodigio de la multiplicación: ¡fueron más de quinientos trabajos inscriptos! De ellos, la gran mayoría, originarios de quien reside lejos de nosotros, de la Triple Frontera. Algunos fueron enviados desde África (Mozambique), Asia (Kioto, en Japón) y el Leste europeo. Y hubo no sólo cantidad, sino calidad: nos sorprendió el nivel de madurez literaria de muchos trabajos, éste decir íntimo del arte de la palabra que no pertenece solamente a los pocos “eligidos” por el mercado, la academia u otros medios que se encierran en sus cánones o circuitos cerrados y muy poco democráticos.

Pero tuvimos que seleccionar, a pesar de la tentación de inclusión que siempre tienen las cartoneras: el placer de escoger a unos, el dolor de no elegir a otros. Buscamos ser justos lo más posible: hubo criterios y revisiones de ellos; pero sabíamos que, si la puerta es estrecha, no hay como no dejar de fuera

las vírgenes más diligentes, todas con sus lámparas llenas del más agradable aceite (contrariando las Sagradas Escrituras).

Por eso, más que homenajear a los que escogimos para integrar esta edición de la Unila Cartonera, queremos congratular a los buenos poetas y narradores que no publicamos: sigan produciendo y participando, no solo de nuestro certamen, sino de otros.

Y, agradeciendo a todos los que participaron de nuestro concurso, les pedimos: persistan, escriban y lean literatura, el mundo, la realidad y la vida misma; y hagamos esfuerzos por que haya más y más puertas para los que tengan qué decir (o escribir).

Palmas para todos.

Marco Roberto de Souza Albuquerque

Diana Araujo Pereira

Felipe Espinola



ÍNDICE

Poemas	Contos
11 Teju Jagua	Crucifixo 27
13 Castor	Papeis Molhados 31
15 Coisas de Outrora que ainda Restam	Tiramissu 36
17 Réquiem	Entre Parênteses 42
19 Com e Sem Rede	Cuestión de Escudo Nacional 44
21 Sonhos de Kurosawa	Manequim 49
23 E Depois da Estrada	Atalante 52
25 (Des) Moldado	Tarde de um Primeiro Dia sobre Mim 57



TEJU JAGUA

Silbidos

Como de frases sueltas, sin lógica
palabras tejidas
en distintas líneas quebradas
los verbos, rabiosos
se pronuncian primero
el sujeto le sigue, como a caballo
montado a él, a los verbos
al caballo, al camino
intemperie
de fragmentos
me construyo
la lógica, en las migajas
tu mirada, como flecha
a la manzana
y yo, un simple tallo
telaraña, enmarañada
mis memorias, mis recuerdos
tu sonrisa, tu desprecio
el aire y mi pelo
los viajes, mis abuelos,
las caidas, las movidas
Reconstrucción, deconstrucción
cal, cemento, victorias y derrotas
la humildad, la resistencia,

los miedos, mi lengua,
lo que pienso, lo que hago, lo que amo
vos, cuántos vos, son muchos
cuantos yos...tantos!
fragmentos, frag=blog=tecarios
de libros vivos, en la oralidad,
en los gestos, en las manos quebradas por el sol
y esta tierra seca y estos humedales
que se están perdiendo.
me realzo, me recojo, meanhelo
te ayudo, te levanto y nos vamos
de la mano, en cuatro patas
en colectivo, en grupo, con dos cabezas
Teju jagua... mi pueblo, mi gente
mitologías, de otro orden
con desorden comunitario
con pensamiento propio
con ideas que ayudan
que engrandecen a la nación.
De fragmentos, sobrevivo
de fragmentos,
como cabos sueltos
a la intemperie.
De mis poemas, a la intemperie.



CASTOR

(a Camus e aos tantos estrangeiros)

Nin

imagina depois,
ao travesseiro.

imagina
o beijo abafado pelo cansaço
de terem teus lábios estrangeiros

tocado,
úmidos,
os meus lábios
todos.

imagina
a tua respiração pesada, a tua tosse seca,
e eu gastando minhas palavras
pra tirar da boca o amargo
do teu cigarro
e a tua amargura
toda

imagina
as lágrimas confusas num suor escasso
desse teu esforço raso
confessas lágrimas
secas e insatisfeitas
por conta da tua secura
toda.

imagina

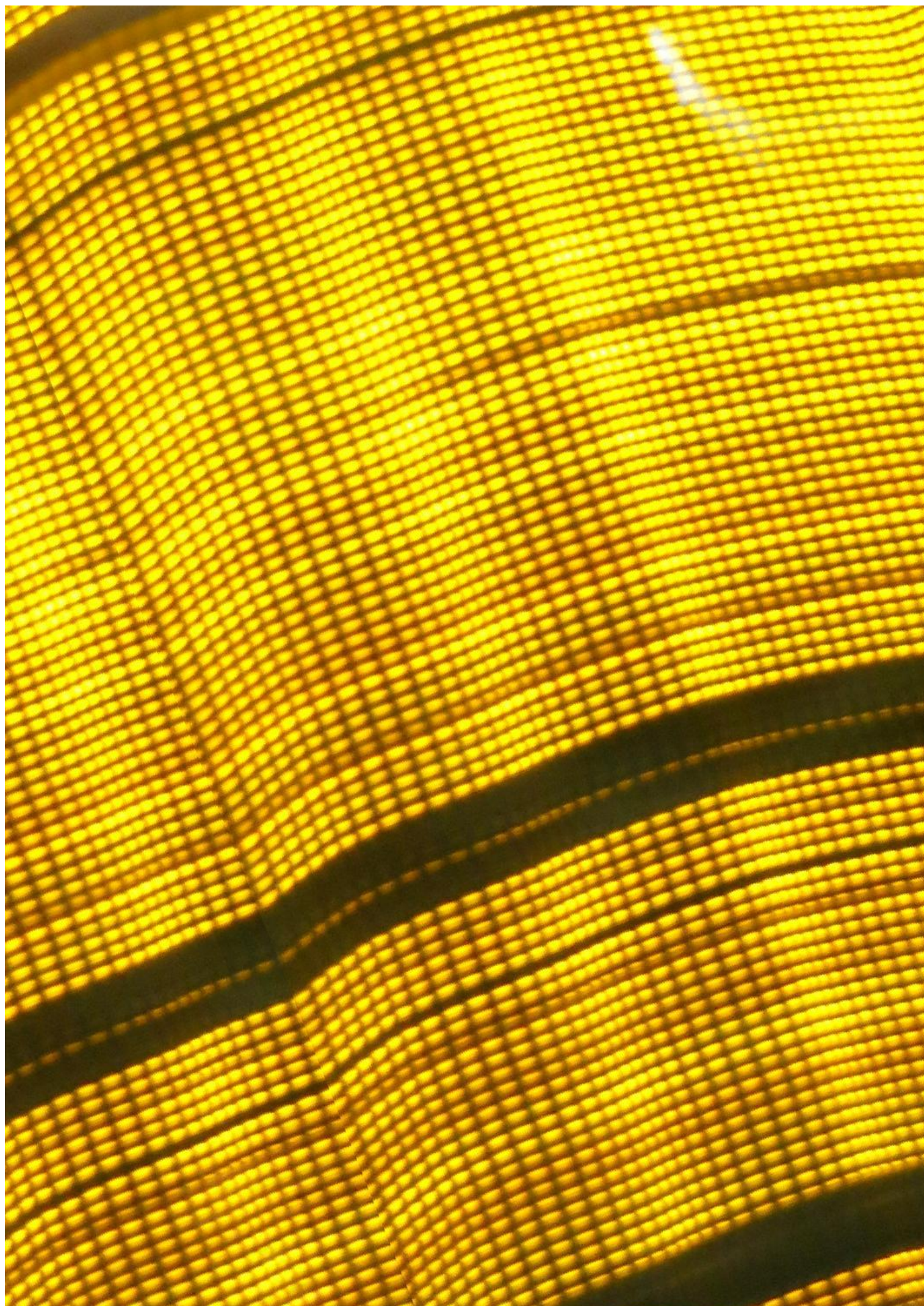
ao ombro, sem causar arrepios
teu sono ocupa
profunda e indiferentemente
o que faz do peito o leito
todo


imagina

ao vestir das despedidas, qualquer
sorriso mau-humorado com
resquício de glória,
beijo na testa, aceno à porta, descer de escadas,
tomar a rua,
acender de cigarro,
maquinal-matinalmente, sem sequer olhar pra
trás
a não ser que já esquecida coisa
à toa.

imagina, querido,
depois,
ao travesseiro (já vazio)
que chatice seria
o que eu sinto: se me sinto
toda

sinto muito,
mas sentir é muito pouco.





COISAS DE OUTRORA QUE AINDA RESTAM

Flauta Lírica

sofro tinta azul
em letras rápidas
no papel branco de medo.
o monitor de esguelha
espia enciumado
com seu teclado em cacos
quadrados, retangulares.
implora um comando.
a noite ainda é noite, o
sofrimento ainda é dor
e ainda há papel e esferográfica azul.

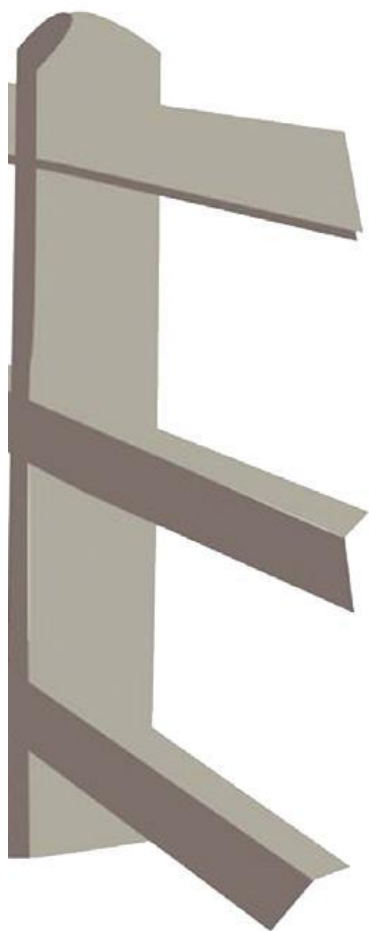


RÉQUIEM

La dama de Troya

Te veo brotar entre tantas letras frágiles y transparentes
a las que la vida se encargó de volverlas cabeza abajo
para luego mirarlas al trasluz
e interrogarlas en calma
con tal de saber con lujo de detalles dónde es su paradero
Hace tantos sueños que te estoy soñando
con tus alas de seguridad perpetua
tanteando las paredes de esta vida provisoria
que provoca angustias de alto nivel
para aquellos que viven entre preposiciones y delirios
cuyo único derecho es ser
sembradas y regadas por las circunstancias y el azar
y dar a luz muñequitos de traje agonizante
que, sollozando, derriban los relojes con su último hilo de voz
Tu pecho de sangre sumergido aún tiene agallas
para lanzar quejidos que parten el alma
trazando un par de líneas rectas de melancolía
que para desdicha nuestra son definitivas
Quizá nunca se sepa cómo ni por qué
Tus labios rotos dicen que fue
por haber acumulado tantísima pena clandestina
que a la larga hace que uno quiera desprenderse de la vida
sólo para no llegar a ser el blanco de las hormigas
arrastrando huesos atravesados por grandes cuchillos
Por eso nuestra vida no se borra tan de repente
Desde ahora la nostalgia será un viento a nuestro favor
que coronará la muerte
como un negro relámpago perpetuamente libre





COM E SEM REDE

João Alberto Roque

Os oceanos ou as cordilheiras
Estão hoje mais fáceis de transpor
E o mundo ali todo ao dispor
Num tempo em que se esbatem as fronteiras
Conversa-se, alheios a bandeiras,
O mundo todo ali mesmo ao redor...
Porém, e não será um pormenor,
Todos os dias surgem mais barreiras
Levantam-se fronteiras de indiferença,
Picos gelados mesmo à nossa porta,
Mares com tempestade em nosso prédio...
Sim, cresce a solidão, essa doença,
Quando falta o carinho que suporta,
O gesto que seria o remédio.



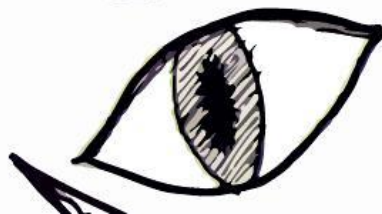
we were
the Kings
and
Queens
of PROMISE.

Seatch & Destroy



Sold my soul
To heaven and to
HELL,

Sick
as my
SECRETS
But never
gonna
TELL



SONHOS DE KUROSAWA

Dersu Uzala

não vou mandar as orelhas cortadas do auto-retrato nem poemas embalados para presente
vou te presentear com a chuva com o arco - íris
visões do fim do mundo
um campo de trigo em flor ainda que não seja tempo de plantar trigo.





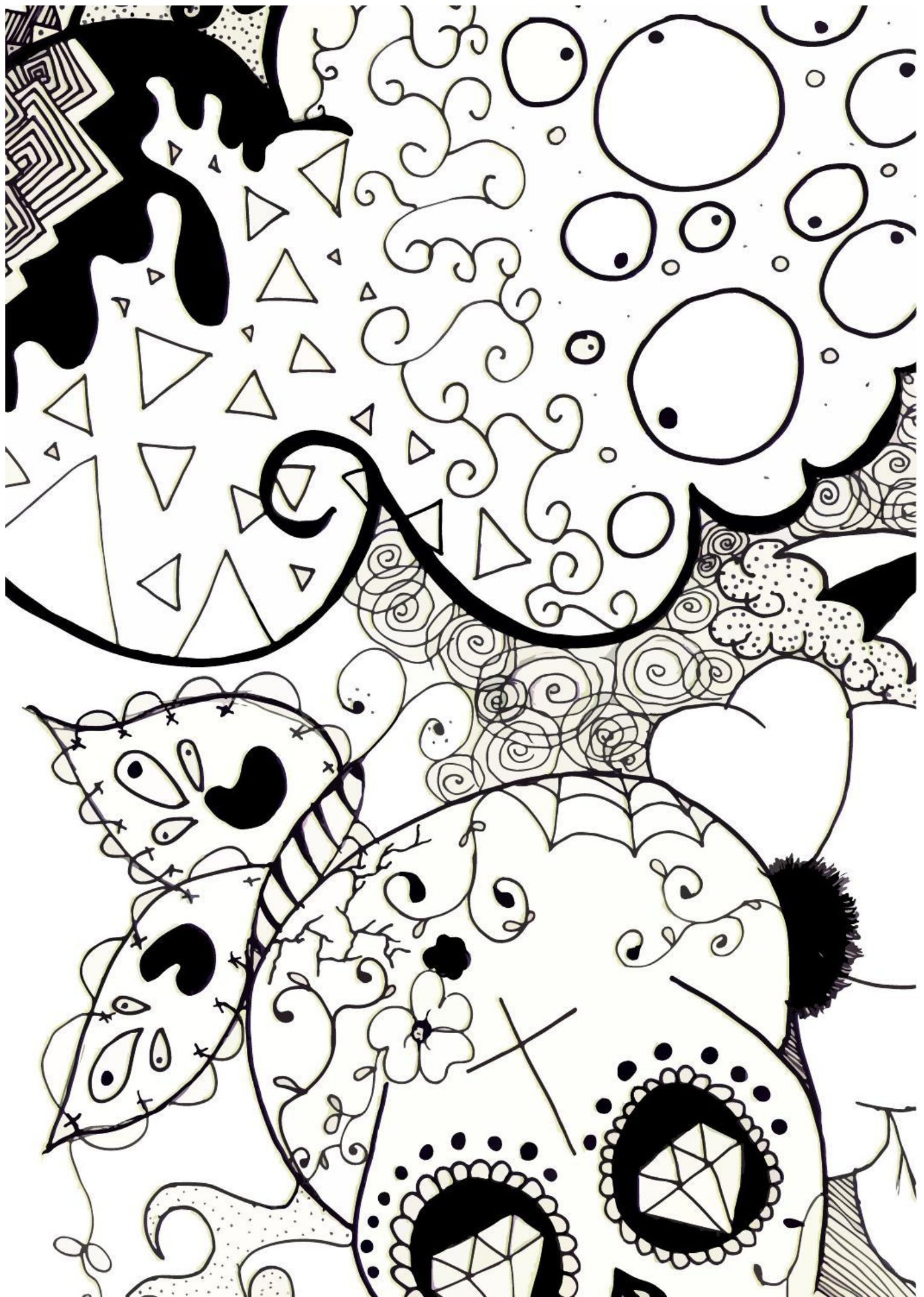
E DEPOIS DA ESTRADA

Gabriel Viviani

a estrada
e depois da estrada o repouso
a brisa na orla
o sol escuro no rosto do povo
e o adeus.

nos cabelos
o pó descansa e
teima no couro
até o corpo no rio.

a estrada
e depois da estrada teu seio
o cio desabrido
o sono e à luz da manhã
o adeus.



(DES) MOLDADO

Vladimir Rizzi

Ainda bem que assim como o barro tudo pode ser moldado.

Pois, se do contrário fosse, teria que usar a bruta força do amasso.

Seja por vias telecinéticas, que em tudo muito faço,

Seja seguindo a crista da onda, encoberta pelo embaraço;

Ou, fechando os olhos para os “trezes” e protegendo-me em um
estranho quarto.

A vida - life molda tudo o quanto nesse micro espaço pode ser
moldado...

Eu desses tantos quantos me retiro, pois pouco penso e muito faço:

Pelo lado do avesso, pelo lado do olho, pelo lado do tato.

Estou além do lado do corpo. À beira da janela do Todo,

Assistindo a implosão do espaço que não há: Enquanto eu for

Espaço.

SVD
1930



CRUCIFIXO

Antonio Vincenzo

Todas as manhãs era a mesma coisa. Thimóteo, o sacristão, dirigia-se à Igreja que se erguia na praça da cidade, onde cuidava dos afazeres que o serviço litúrgico exigia. Era bem pago pela Paróquia e conhecia todos os detalhes que envolviam a administração dos bens e as formas de realizar cada uma das tarefas, fora e dentro do culto. Thimóteo era responsável por uma série de coisas que contavam desde a chave da Igreja até o cestinho da coleta, onde colocava tudo em seus devidos lugares para que a tesouraria pudesse contabilizar.

Padre Pedro era amável e querido por todos na cidade. Era, ainda, um jovem clérigo, mas procurado por sua sabedoria e retidão. Celebrava bem suas missas, gostava delas bonitas, com belas canções e incenso. Nas festas do padroeiro – São Dimas – usava as melhores túnicas e as melhores casulas, retirando dos armários os mais imponentes cálices e patenas para o ofício divino.

Sobre Padre Pedro não faltavam olhares desejosos, até mesmo das senhoras recatadas do lugar. As mo-

ças mais atrevidas se demoravam à porta, a comentarem esse ou aquele detalhe da celebração com ele. Senhoras casadas persignavam-se, ao saírem, mirando o Santíssimo Sacramento, como que a pedir perdão, uma vez mais. Thimóteo observava tudo isso, não sem um sorriso nos lábios e, às vezes, comentava certas passagens com o Padre, que ria animadamente.

Em casa, certo dia, logo depois do almoço, Padre Pedro recebeu uma carta do Banco da cidade. Julgou ser um extrato comum, mas, ao ler o conteúdo, percebeu que se tratava de um convite do gerente

para que fosse à agência. Vai hoje, vai amanhã, o tempo foi passando. Dia após dia e até meses. Já era tempo de Quaresma e, em 25 de Março, celebrava-se São Dimas. A preocupação de Padre Pedro era a de restaurar algumas fachadas da Igreja que haviam sido castigadas pelas fortes chuvas. Por causa disso, precisou ir ao Banco e só então se lembrou da carta que recebera. Ao chegar, foi acolhido pelo gerente que, mui prontamente, lhe ofereceu uma cadeira em sua sala especial. O gerente inquiriu Padre Pedro, discretamente e respeitosamente, sobre ter ou não recebido a carta. Com duas ou três frases, o Padre se desculpou, alegando falta de tempo e o excesso das atividades paroquiais. O homem do banco disse ao Padre,

demonstrando preocupação, que o motivo daquele convite era, no mínimo, delicado. Depois de algum tempo de conversa, o Padre saiu da sala do gerente, despediu-se dos funcionários do Banco e foi-se embora.

Passaram-se os dias e Padre Pedro seguia atormentado por aquela conversa, sem poder atinar por onde começar suas investigações. A irmã de Thimóteo, uma moça irrequieta e de lábios grossos, bateu à porta da sala, arrancando-o de

suas reflexões. Como fazia todas as tardes de terça-feira, ela vinha trazer as roupas de Padre Pedro, já que as lavava em sua casa. Como de costume, o Padre pediu que entrasse e colocasse tudo nos lugares. Algumas palavras eram sempre trocadas e, quando ela ia embora, o Padre visitava sua capela particular, ajoelhando-se diante do crucifixo. Thimóteo, por algumas vezes, já vira o olhar do Padre para sua irmã, mas disfarçava sua percepção. Em casa, repreendia sua irmã, mas ela dava de ombros e dizia não ver nada demais no olhar do Padre.



Na semana anterior à festa do Santo, Thimóteo chegou mais cedo em casa. Havia acabado de arrumar as coisas que tinham sido tiradas do lugar com as procissões de Domingo de Ramos. O vento soprava gelado, do lado sul da cidade. Vestiu seu casaco marrom e dirigiu-se a um quarto pequeno que havia no fundo do pátio. Abriu a porta de ferro e acendeu a luz. Depois de um olhar ao redor, fechou a porta atrás de si e arrastou um grande armário do lugar em que se encontrava. De sob o armário, retirou duas tábuas grossas, que escondiam um compartimento quadrado, medindo dois metros por um. Dali puxou uma caixa de madeira maciça, apoiando-a sobre a mesa.

Ele abriu a caixa. Nela havia um conjunto harmônico de inúmeras ferramentas: estiletes, lupas, alicates de vários tamanhos, papéis, selos, ca-

rimbos, tinta e canetas de diversos formatos. O fundo da caixa era em ferro, com intrincados artefatos gravados em retângulos simétricos. Do bolso, sacou uma cédula de cinquenta e a colocou sobre um daqueles retângulos. Seus olhos brilhavam, quando ele olhava os detalhes da cédula com uma das lupas, dizendo de si para si: “Esta festa de São Dimas vai ser das boas”.

Um filete de vento frio entrou pelo quarto, fazendo esvoaçar os papéis que estavam pregados num

quadro de cortiça com alfinetes coloridos. O sacristão, temeroso, lançou um olhar para fora, tendo a nítida impressão de que alguém o observava.

Ele fechou a caixa.

À tarde do dia seguinte, Thimóteo foi encontrado morto no quartinho. Junto dele estavam diversas notas de cinquenta, umas verdadeiras e outras falsas. Algumas por fazer e outras em perfeito estado. Naquele mesmo instante, sua irmã saía da Casa Paroquial e, ao pé do crucifixo, padre Pedro rezava: “Tende piedade de mim, Senhor, porque sou um pecador!”





PAPEIS MOLHADOS

Pereira

Eu trabalho num negócio pouco explorado aqui na cidade. Fica na Rua Estados Unidos, quase esquina com Lima. Entre Constitución, San Telmo e Balvanera, a cem metros da Avenida 9 de Julio. Discordo de que estejamos longe dos turistas. Não é um ponto ruim, a prova disso é que abri a loja há mais de dez anos, talvez a única que nasceu naqueles dias de pedradas e panelaços. E não é preciso que o balcão esteja rodeado por turistas, que os gringos parem de dois em dois minutos na frente da minha vitrine. Vender guarda-chuvas não é como vender alfajores ou discos de tango. O que os traz aqui é a necessidade, a impaciência da chuva que por vezes parece jamais abandonar Buenos Aires.

Recentemente, houve um agosto em que a chuva foi tão forte, e durou por tantos dias, que esquecemos as anúncias da primavera. Mas, entre tantos aguaceiros, houve um estranho domingo de sol. Domingo que contrariou os homens do tempo, a sabedoria dos padeiros. Os carros que vinham desde La Plata pareciam atordoados na metade da autopista. Aquela luz há tanto escondida quase cegava os que trafegavam pela cidade ainda molhada. Naquele dia, foram poucos os que saíram com o guarda-chuva em mãos. A claridade e o céu azul eram mais reais do que o noticiário inteiro.

Lembro esse domingo porque houve algo naquele sol que me fez pensar na minha loja, nos meus guarda-chuvas. Estava em San Telmo, como faço quase que diariamente, após contar os pesos do dia e chavear o portão. Passo, inevitavelmente, pela Rua Bolívar. Não sei se pela força do cotidiano ou por casualidade geográfica, mas com o tempo este trajeto deu-me alguns amigos pelo caminho. Com um deles, travo a amizade mais estranha dos meus cinquenta anos. Nossas frases emperram, e emperraram sempre. Pouco sei sobre a vida dele, se tem filhos, se nasceu na Capital Federal, se leu boa parte dos livros que vende.

Desde que eu passo por ali, vejo-o sentado na mesma cadeira, ao lado das estantes e afogado na fumaça dos cigarros que se repetem enquanto a tarde perdura.

Apenas sei que se se chama Gonzalo, que é livreiro e que há muitos anos mantém o sebo na Rua Bolívar. E que é um bom sujeito, daqueles que nos conquistam com uma palavra certa e muito de silêncio. Durante a semana, a pausa na caminhada é rápida; deixo meu cumprimento e, por vezes, um comentário qualquer sobre o governo, as greves, a política. E então sigo o meu caminho. Nos finais de semana, fico por mais tempo, nem que seja

para ouvir a chuva, o bandoneón triste que transborda no ambiente e as frases mínimas, justas, de Gonzalo. Foi assim até a véspera do domingo de sol, em que ele, por raivoso e emburrado, não deve ter vendido sequer um exemplar comemorativo da revista *El Gráfico*.

Quando cheguei, o cenário já tinha aquele ar que têm as coisas quando estão a ponto de explodir. Ele havia colocado música brasileira na vitrola, truque grosseiro para fisgar os turistas das cercanias. Muitos entraram, talvez pelo som, ou pela convidativa vitrine do lugar. Nenhum deles se esforçou a ponto de tentar um *buenas tardes* em espanhol, mas remexeram nas prateleiras. Eram ingênuos, qualquer pôster mofado de Gardel já servia para levantar suspiros. Apontavam

o dedo para algum Macedonio Fernández, e creio que um deles se interessou por uma primeira edição de Roberto Arlt. Não compraram nada, evidentemente. Ali estavam para escutar um fiozinho do Rio de Janeiro e satisfazer a curiosidade que a figura gorda de Gonzalo suscitava.

Gonzalo desligou a vitrola quando o sétimo turista saiu. Havia amaldiçoado o sol alguns minutos antes; sentia saudade, imagino, do sábado anterior, repleto de goteiras, vento cortante e com o céu, como dizia a previsão do tempo, desmejorando sem parar. Não eram cinco da tarde quando avisou aos clientes restantes que não haveria nada mais. Que voltassem na segunda-feira, se quisessem. Quanto a mim, fui incluído no despejo.

Gonzalo disse que precisava ficar sozinho, mas que apareceria na minha loja durante a semana. Compraria um guarda-chuva novo, de cabo de madeira, tão logo o sol se escondesse. E falou qualquer coisa sobre o desconhecimento humano em relação à poesia molhada. Como amigos, livreiros podem ser uma companhia silenciosa e inconstante; como clientes, entretanto, ainda guardam rompantes de consumo enlouquecido.

Tempos depois, Gonzalo apareceu na Rua Estados Unidos. Havia voltado a chover. Observou os modelos expostos no mostrador antes de ultrapassar a porta. Naquela hora do dia a loja fica quase desabitada, ainda que, ao contrário dos livreiros, os vendedores de guarda-chuvas não impedimos a passagem de cliente algum. Gonzalo disse que queria o paraguas da promoção, o de trinta pesos. Mas eu sabia que diria mais. Nos minutos em que estávamos apenas na rota sonora dos pingos que estalavam no teto, eu esperava algum comentário sobre o último domingo. Ele tirou os pesos da carteira e por fim abriu a boca. Para dizer que, ao contrário do que parecia, os livreiros precisavam mais das chuvaradas do que os vendedores de guarda-chuva.

Não o questionei sobre a frase, mas tampouco entreguei o pacote, que aguardava fechado sobre o balcão. Gonzalo seguiu. Disse que dependia da chuva porque a poesia precisa da água. Não das tempestades ou inundações, mas ao menos de uma garoa que persiste por uma tarde inteira, ou de uma rua alagada que atrapalha a caminhada da manhã. Disse que poeta algum pôde escrever sem se molhar um pouco. Que Roberto Bolaño, fodido e doente na Espanha, não escreveu “esperas que desapareça a angústia/ enquanto chove sobre a estrada estranha/ em que te encontras” para as gotas que caíam sobre um camping descoberto, mas para a água que inundou a sua vida inteira. E quando parecia que falaria mais, que me mostraria algo do que lia e pensava, Gonzalo apanhou o guarda-chuva, acenou um tímido chau e atravessou a rua em direção a Montserrat.

No dia seguinte, fui a Constitución e subi no trem que vai a La Plata. Eu viajava apenas para me encontrar com um distribuidor de guarda-chuvas automáticos, a solução encontrada por dois de cada três porteños que se protegem da chuva. No trem, vi a movimentação de sempre: vendedores de sanduíches, de livros infantis, de rádios movidos à pilha, de ingressos falsos para a próxima partida do Estudiantes; vi intérpretes improvisados que, antes e depois da curta canção, discursavam sobre as dificuldades em que viviam na Província de Buenos Aires, às vezes nas ruas, sem qualquer abrigo. Ao meu lado, no entanto, havia um tipo incomum; ainda que, a julgar pelas vestimentas, tivesse tão pouco dinheiro como todos nós.

Ele estava quase que alheio aos ruídos internos e ao freio da locomotiva nas estações de Quilmes e Plátanos. Deveria ter vinte anos, pouco mais. O rosto permaneceu a viagem inteira colado à janela, desviando os olhos de tempos em tempos para o livro que levava em mãos. Um livro de Mario Benedetti. Do escritor uruguaio, eu sabia pouco. Lembrava a novela em que um senhor, o personagem central, se apaixonava por uma mulher muito mais jovem que ele. Gonzalo havia comentado uma vez sobre essa história. Mas o livro que o rapaz tinha em mãos era de poesia, algo como uma antologia poética. Um livro de bolso, desses que estão à venda nas estações de trem, embora seja raro encontrar um leitor nos vagões que viajam para o sul. Pude ler apenas um poema, não

sei se completo ou se os versos continuavam na página seguinte. Lia o livro que descansava entre o rapaz e a janela, mas era como se ouvisse Gonzalo naquele

último encontro. Dizia assim: “com rios, com sangue, com chuva, ou orvalho/ com vinho, com neve, com pranto/ os poemas costumam ser papel molhado”. Em La Plata, permaneci somente por pouco tempo. Não é simples para um vendedor de guarda-chuvas ser atingido assim, de pronto, pela poesia. Ainda mais quando sente que, enquanto vende estes automáticos, ou mesmo os mais clássicos, que ainda levam cabos de madeira, o que na verdade faz é impedir que a chuva atinja o que precisa atingir.

Há poucos dias, encontrei-me com Gonzalo na mesma Rua Bolívar.



Por casualidade, era um domingo ensolarado. No bairro, os turistas tocavam em tudo e compravam pouco. Gonzalo fumava, enfileirava cigarrillos que o nublavam ainda mais o humor. Mas ainda assim resolvi contar sobre aqueles dias, a viagem a La Plata, sobre como impactou em mim aquela conversa que tivemos. E sobre as relações estranhas que pude encontrar naquele trem da Linha General Roca entre os guarda-chuvas e a poesia. Gonzalo alcançou o troco para o cliente que saía, diminuiu o volume da vitrola. E mal tirou o cigarro da boca para propor que vendêssemos juntos os guarda-chuvas e os livros. Que afinal seria um aluguel a menos, que poderia soar curioso para os estrangeiros. Que eu trouxesse logo os meus guarda-chuvas da Rua Estados Unidos.

Iuri Müller





TIRAMISSU Cavaleiro de Cervantes



Até poucos anos eu era o líder do meu país, cuja história é marcada por extremismo religioso e disputas por petróleo. Como ocorre a todos que possuem personalidade forte, ao longo da vida fiz muitos inimigos. Por conta disso, passei mais de vinte anos protegido por severo sistema de segurança, o qual incluía, entre outras coisas, dezenas de sócias com a finalidade de confundir possíveis assassinos.

Dentre os homens que me serviram como sócia, Khalil foi, sem dúvida, o mais habilidoso e o que mais se parecia comigo. Quando postos lado a lado – eu e ele –, nem minhas esposas identificavam o verdadeiro. Contudo, tinha um grande defeito: a gula; que se tornava mal ainda maior, por ser também uma de minhas principais fraquezas.

Poliglota e mestre em artes marciais, Khalil era, ainda, exímio atirador. Não bastasse, nas horas vagas era especialista em culinária e vinhos. Homem de educação refinada, não tardou a ser nomeado também meu provador oficial de alimentos, função à qual ele se dedicou com máxima eficiência. Khalil provava com minúcia cada fruto, cada massa, cada legume, água, sucos... Tudo que eu ia comer ou beber passava antes por sua boca. Seu degustar era meticuloso: saboreava as porções com olhos semicerrados; sorvia os líquidos de modo suave, quase em êxtase. Depois, dava ao corpo o tem-

po necessário para apresentar os efeitos danosos, caso os alimentos estivessem envenenados. Somente quando convicto de não haver o menor risco, ordenava aos criados que me trouxessem a refeição.

A princípio, a presença de Khalil deixava-me mais tranquilo. Com o passar dos anos, porém, seu jeito meticuloso começou a incomodar. Notei que as porções que me traziam estavam cada vez menores. Aos poucos fui observando que quanto mais delicioso era o prato, menor a quantidade que chegava à minha mesa.

No fim da década de oitenta – logo após a guerra contra o Iran –, durante viagem à Europa para discutir questões políticas com outros líderes mundiais, contratei uma chef de cozinha de nome Dirce, em cujo currículo constavam serviços prestados ao chanceler alemão Helmut Schmidt. Eu andava ávido por expandir meus horizontes gastronômicos.

Dirce preparava pratos deliciosos, como eu jamais havia provado. O problema é que Khalil também gostava. Quase tudo que me serviam era somente o sobejo desse fiel provador. Eu já quase me acostumara àquela humilhação quando, certo dia, trouxeram-me a guloseima que mudaria a história – um resquício de sobremesa que ocupava apenas meia tigela. Muito a contragosto, provei uma pontinha e, de imediato, tive a sensação de ter morrido e chegado ao Paraíso, sendo recebido de braços abertos por Alá. Uma lágrima escorreu de meus olhos e entendi quão doce poderia ter sido a vida, caso eu tivesse escolhido outros caminhos. Em agradecimento, ajoelhei, pus a testa no chão, orei em silêncio – corpo voltado para Meca.

Mandei chamar a nova chef de cozinha para que me dissesse o que era aquilo. Ela foi elucidativa, como só os germânicos sabem ser:

- Chama-se tiramissu. Iguaria criada no Japão e aperfeiçoada em Treviso, na Itália, onde ficou conhecida por revigorar boêmios; feita com pão de ló embebido em café e conhaque amareto, entremeado com creme à base de queijo mascarpone, polvilhada com chocolate amargo.

Fascinado, ordenei que tal sobremesa me fosse servida em todas as refeições. Embora Dirce tenha seguido à risca minha ordem, de nada adiantou. O que eu recebia do delicioso doce era sempre mínima fatia. Por mais que eu recla-

masse, Khalil afirmava ter sentido resquícios de algum veneno o que, em nome de minha segurança, o levava a provar outros bocados. Perguntei se seria melhor demitir a nova chef; ele rejeitou a ideia, alegando precisar de provas mais concretas. Com isso, a ele cabia a quase totalidade do tiramissu, restando-me pedaço tão pequeno que só servia para atiçar minha ira.

Mas a vida não é feita só de doces. Em 1990 fui informado por meus ministros que a superprodução de petróleo do país vizinho fizera o preço do barril despencar no mercado internacional, afetando drasticamente as finanças da minha já tão endividada nação. Não pensei duas vezes: fui à guerra. E no que invadi o Kuwait, fazendo inverter novamente a tendência dos preços do barril, não tardou e outros países tomaram as dores. Sem prova

alguma, acusaram-me de desenvolver armas de destruição em massa e de financiar a Al-Qaeda. Em março de 2003 os norte-americanos e os britânicos invadiram Bagdá. Havendo pouco a defender, fugi levando a família, meu estado-maior e os criados mais íntimos.

Tendo se passado alguns meses, já instalado em lugar seguro, resolvi dispensar a Dirce que – agradecida por poder deixar a zona de guerra –, antes de se mudar para o Brasil presenteou-me com imenso tiramissu, que eu guardei para comer sozinho, na madrugada. Porém, após tensa reunião com o que restara do alto comando do exército, ao abrir a geladeira encontrei somente a travessa vazia. Blasfemei mil vezes. Depois me acalmei e fui ler o Corão. Foi aí que o onipotente Alá iluminou-me o pensamento. No dia seguinte chamei Khalil para uma conversa em particular e disse:

- Você é meu soldado mais importante. Preciso que se esconda e só saia quando eu chamar.

Ele concordou prontamente. Ordenei a alguns militares que o escoltassem até o abrigo em Tikrit, minha terra natal. Feito isso, envolvi a cabeça com um pano e fui à rua.

Encontrei um telefone público, no qual havia um cartaz – ‘PROCURADO!’ – onde se viam também minha fotografia, um número para contato e as cifras da sedutora recompensa. Liguei para o serviço de inteligência norte-americano, informando a localização exata do homem que eles tanto procuravam.

Pobre Khalil... os fuzileiros não lhe deram ouvidos quando ele, ao ser surpreendido dentro de um buraco no meio do deserto, tentou explicar que era somente um sócia meu. Levado para Camp Cropper, ali ficou por anos, aguardando julgamento. E por ninguém acreditar em sua versão, Khalil decidiu morrer com honra. Assumiu de vez minha identidade, enfrentou a corte marcial com coragem e sabedoria impressionantes. Condenado por crimes contra a humanidade, ao ser levado à forca não tremeu – tendo ainda a dignidade de bradar versos islâmicos e frases patrióticas, antes que se abrisse o cadafalso.



Já eu, nem precisei de disfarce – ***as pessoas acreditam mesmo em tudo que veem na televisão. Quando Khalil foi preso, deixei o país tranquilamente pela fronteira oposta. Hoje... quarenta quilos mais gordo; careca; pele queimada pelo sol de Cancun; sem bigode e usando novo nome, passo os dias a gastar o dinheiro que, por décadas, guardei em bancos de paraísos fiscais.***

Quanto aos demais detalhes de minha vida atual, somente Dirce conhece a verdade. Contratei-a novamente, agora que ninguém mais há que me roube o tiramissu.



ENTRE PARÊNTESES

Julio Dias

(Lembrou que pelo tamanho da sombra podia medir a altura de uma pirâmide, no justo momento em que sua própria sombra projetasse a altura exata dele no chão. Adaptando esse método achou que poderia medir a grandeza de tudo o que tinha na cabeça. Mas atinou serem coisas diferentes, umas que fazem sombras e outras que pensam nelas. Desistiu.)

(Chovia, de modo que a realidade parecia dominada pela precipitação. Não hesitou, estabeleceu que o princípio de tudo fosse a água, derivando dela todas as formas de existência. Já sabendo que o úmido seca e que o seco umedece, deu de ombros e passou o rodo nessas conjecturas.)

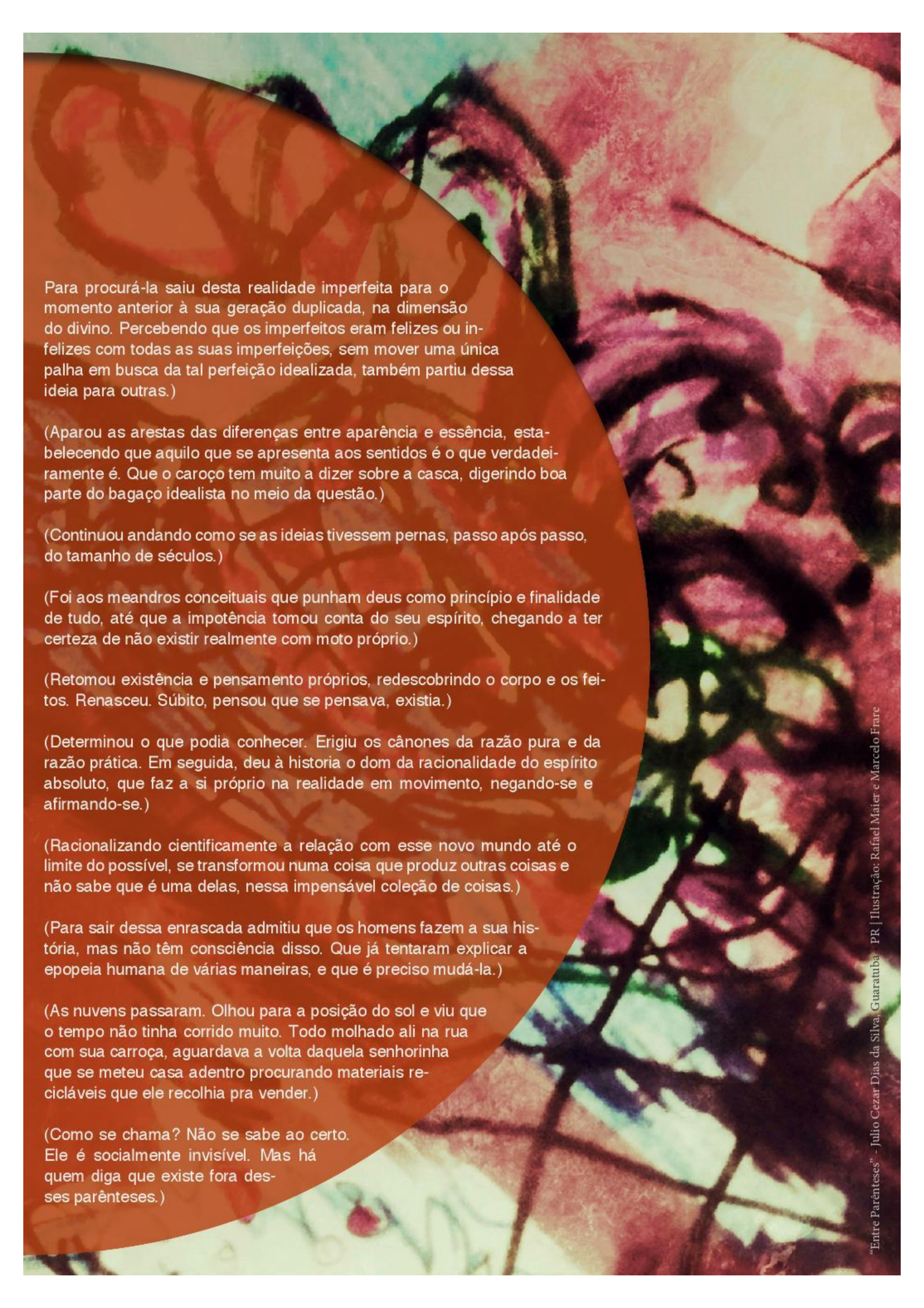
(Percebeu a incessante transformação. Tudo agora era resultado da fúria da mudança, certeza bastante para explicar as guinadas rápidas dos seus pensamentos. Porém, como quase tudo que o cercava não mudava assim tão radicalmente, e seu mundo permanecia longamente muito igual, mudou o modo de pensá-lo.)

(Admitiu o princípio de que a única verdade é o ser, que não existe o nada, nem transformação ou criação. Aprofundou esse raciocínio até onde conseguiu, e momentos depois intuiu que a vida das pessoas não lhe permitia aceitar tal premissa. Abriu a primeira porta que encontrou e saiu desse labirinto.)

(Atacou a realidade de frente e adentrou no universo material. Pegou da razão e abraçou firme os átomos. Esfregou a pele imaginando suas partículas se desprendendo. Espantou-se com a natureza insólita da materialidade de sua pessoa. Percebeu que o pensamento não poderia ser determinado pela matéria, e instalou-se com maior liberdade racional em jardins onde a ciência e o mecanicismo em geral eram tratados apenas como artifícios, sem se deixar dominar por esses meios. Voltando alguns segundos à própria realidade, atentou que as pessoas falam muito em dinheiro e objetos materiais. Recolheu todas as suas certezas e arrumou-as num canto qualquer da memória, liberando capacidade para seguir adiante.)

(Falou mentalmente: sei que nada sei... Como achava que devia ser, tentando alcançar o conhecimento daquilo que desconhecia. Cobrou-se: conhece-te a ti mesmo, buscando aproximar-se da verdade pelo autocohecimento, e viu-se solitário num mundo dominado por ignorância e soberba.)

(Foi atrás da perfeição, já sabendo que se ela existia não andava por ali.)



Para procurá-la saiu desta realidade imperfeita para o momento anterior à sua geração duplicada, na dimensão do divino. Percebendo que os imperfeitos eram felizes ou infelizes com todas as suas imperfeições, sem mover uma única palha em busca da tal perfeição idealizada, também partiu dessa ideia para outras.)

(Aparou as arestas das diferenças entre aparência e essência, estabelecendo que aquilo que se apresenta aos sentidos é o que verdadeiramente é. Que o caroço tem muito a dizer sobre a casca, digerindo boa parte do bagaço idealista no meio da questão.)

(Continuou andando como se as ideias tivessem pernas, passo após passo, do tamanho de séculos.)

(Foi aos meandros conceituais que punham deus como princípio e finalidade de tudo, até que a impotência tomou conta do seu espírito, chegando a ter certeza de não existir realmente com moto próprio.)

(Retomou existência e pensamento próprios, redescobrimo o corpo e os feitos. Renasceu. Súbito, pensou que se pensava, existia.)

(Determinou o que podia conhecer. Erigiu os cânones da razão pura e da razão prática. Em seguida, deu à história o dom da racionalidade do espírito absoluto, que faz a si próprio na realidade em movimento, negando-se e afirmando-se.)

(Racionalizando cientificamente a relação com esse novo mundo até o limite do possível, se transformou numa coisa que produz outras coisas e não sabe que é uma delas, nessa impensável coleção de coisas.)

(Para sair dessa enrascada admitiu que os homens fazem a sua história, mas não têm consciência disso. Que já tentaram explicar a epopeia humana de várias maneiras, e que é preciso mudá-la.)

(As nuvens passaram. Olhou para a posição do sol e viu que o tempo não tinha corrido muito. Todo molhado ali na rua com sua carroça, aguardava a volta daquela senhorinha que se meteu casa adentro procurando materiais recicláveis que ele recolhia pra vender.)

(Como se chama? Não se sabe ao certo. Ele é socialmente invisível. Mas há quem diga que existe fora desses parênteses.)

CUESTIÓN DE ESCUDO NACIONAL

Marcos Pullally



1.-

Cargado de odres con agua, hace ya mucho caminé altivo por estos mismos parajes. Portaba un revólver al cinto, una colt de aquéllas, quizá un par. Mi raído poncho me guardaba del sol de por estas dunas, porque sepa usted que acá era todo dunas. Ahora hay embarcaciones ruinosas que uno no sabe bien cómo vinieron a varar, y yo camino lento, desarmado, semidesnudo, ya viejo, exhausto. Leo lo que escribí en un trozo de tela entre algunas de mis muertes: aquí los días de mañana se disfrazan con atuendos de far west, como estrella de sheriff, un susurro metálico que esconde al interior las osamentas de mi circo vacío.

2.-

Me prometí por aquel entonces nunca más hacer la travesía, pero el dolor es uno y la mar me llama. A veces pienso que yo soy un vencido, que se camina y que se habla fuerte para estar así a punto de llorar, a punto de abandonarse. El camino no ofrece lugar para el descanso, no hay sombra ni agua, no hay animal vivo ni sueño quieto. De animales muertos, de imposibles animales muertos se tejen los sueños de por estas dunas, pienso en voz alta o susurro apenas o ni muevo los labios ni camino, porque estoy tirado a pleno sol en un punto... Ya no sé.

3.-

Como esperando una luz del río de las aguas muertas como perros, secas como cueros de vaca, como labor de abajo y de zanjón, escucho el río que no existe y es una larga lengua de fuego que me extingue, que me seca y soy cuero de vaca, que pronuncia ese nombre que ni siquiera yo recuerdo. Al fondo de una depresión circular en forma de plato, imagino una catedral, un cóndor de piedra, imagino un telón de terciopelo dentro del recinto, además la utilería excedente de un western futurista, un montaje santo y cowboy. La gárgola es un cóndor de eso que nombraron el Calabozo Chile. Sus plumas son lenguas de niños.

4.-

Voy creciendo de sus caras-hambre en estos sueños, de sus caras-noche, de sus nombres por el río van gimiendo y voy gimiendo y por el puente, bajo el puente, de sus rostros suyos, que se hacen míos como un cuerpo uno en estas noches que no es ninguna noche, que es el día más el sol enorme, terrible...

Pero toquen mi cuerpo, toquen mi cuerpo. Anochecidos ya sabrán ensangrentarse.

5.-

Al despertar vi un niño con cabeza de cóndor que me miraba. Lo llamé Comandante Nelson.
Nunca más dejaría de seguirme.

- Soy un viejo que agoniza, indefenso - le dije o pensé que le decía. - El ciclista me apodaban aquellos junto a quienes crecí. De ellos ya no queda nadie.

- Soy yo la parca-niño de estos pagos infectos, solazada en el dolor ajeno, que es mi agua y mi sed - me dijo o pensé que me decía.

- ¿Qué eres exactamente?

- No sé lo que era, pero ahora soy tu hijo. Nunca más estarás solo y yo nunca más estaré solo. Te seguiré a una prudente distancia en este derrotero, aunque vuelvas a morir y te levantes, pese a todo, cada vez.

Entonces me levanté. Me pensé El crucificado, porque esas historias de La sacerdotisa hacían eco en mi mollera. No soy sino el errante de Artificio, un viejo de mirada extraviada seguido de un niño con cabeza de cóndor. Ahora soy el alma en pena del sheriff baleado en una procesión, El ciclista antiguo, que extraña su poncho, su sombrero y las colt cruzadas que era todo lo mío. Soy el sheriff con lentes oscuros, con su estrella de cobre, seguido de un ángel deforme cansado de brillar.

Todo ha cambiado excepto las nubes allá arriba,

¿sabes? - le dije o pensé que le decía,
aunque no lo vi.

- Por los atardeceres rojos como de san-
gre, las formas de las nubes son mis pa-
rientes muertos y los tuyos, que conver-
san, se odian y bailan cumbia como dentro
de un acuario. Nada de eso cambiará, ni
nosotros los errantes.

- ¿Ya no hay bosques, Nelson?

- Ya no hay bosques, padre.

- Pienso en dos colt cruzadas bajo un cón-
dor de piedra,

¿sabes?

- Estás en tu derecho, los moradores de
los confines son acá quienes hablan y dic-
tan la muerte, aunque no lo sepan.

Miré hacia arriba y vi una lluvia de cartas del tarot, miré hacia arriba y no vi absolutamente nada. Con una vara tracé en la tierra mi firma:

$$n! = \begin{cases} \text{si } n = 0 & \Rightarrow 1 \\ \text{si } n \geq 1 & \Rightarrow n (n-1)! \end{cases}$$



Manequim

Reginaldo Costa de Albuquerque

O caminhão da mudança partira com a tarde empacotada dentro do baú. De pé e morto de cansaço, no centro da sala de estar, não sei por onde começo. A lâmpada ilumina uma porção de caixas de papelão em desordem com roupas, livros, utensílios domésticos e móveis desmontados. Opto pelo colchão da cama de casal. Acomodo-o no chão de qualquer jeito e nele me deito exausto, sem lençóis ou travesseiro. O sono estava agarrado nas molas.

Desperto na manhã seguinte e encontro à entrada do banheiro um manequim feminino, privado de roupas e acessórios de embelezamento, em pose elegante. Objeto que não faz parte dos meus pertences e nem me recordo de tê-lo visto ontem na bagunça.

Volto do desjejum na padaria da esquina a uma quadra daqui e ponho ordem nas coisas sem nenhum afã. No intervalo que me concedo para o almoço e merecido descanso, telefono para a transportadora sobre o imbróglio.

“Vamos verificar e entraremos em contato com o senhor novamente”, responde-me solícita a atendente no outro lado da linha telefônica.

A nova casa, menor que anterior, se organiza e ganha a aparência agradável de um lar. As peças que os carregadores retiraram do caminhão-baú, reordeno por todos os cômodos. Caixas vazias e rasgadas espalho pela varanda e grama do jardim, sem o mínimo cuidado. O vulto de uma barata surge na parede cimentada do muro e agita as antenas.

No outro dia, amanheço no meu quarto devidamente arrumado. O boneco de sentinela, com o olhar fixo em mim. Noto a expressão de arranjo de um sorriso que não havia antes. E, definitivamente, eu não o colocara ali!

Surpresa, a mesa com o café está posta, suco, frutas, leite, gulodices. E nem é a data combinada com a diarista contratada. Depois, caixa de ferramentas, furar paredes, pendurar quadros, bater pregos, apertar parafusos e estender os varais de roupas.

No quarto dia, levanto-me tarde. Ao espreguiçar-me, meu braço direito alongado para o outro lado da cama, que dá para a parede, toca em algo frio, duro, e não é o travesseiro. Vejo o manequim que se introduzira enquanto eu dormia. Com incontáveis afazeres, deixo-o estirado. Faxinar e colocar a sujeira nos sacos pretos de lixo, cultivar algumas flores, podar a laranjeira nos fundos do quintal. O telefone chama.

“Senhor, informamos que não há registro de reclamação pela falta de mercadoria por parte dos clientes”, é a voz da moça da transportadora.

Insisto, mas ela educadamente não dá ouvidos às minhas ponderações.

“O caminhão saiu vazio da empresa para o transporte da mudança. Certamente, a mercadoria lhe pertence”, e desliga.

O tempo se esvai moroso, com tudo acomodado em seu devido lugar. Um pardal desceu na varanda, saltitou dois ladrilhos, pegou alguma coisa do chão com o bico e voou levando o dia a reboque.

A impressão é de sétimo dia e acordo sem o alarme do despertador, que ti-quetaqueia sonolento em cima da cômoda. O clarão repentino da luz lança-

da pelo sol penetra a janela entreaberta e me ofusca a visão. Dormi sobre o meu lado esquerdo, de frente para a porta do quarto, mas não a enxergo. Tento levar as costas dos dedos das mãos para esfregar os olhos, mas não se mexem. As pernas estão estendidas, os braços dobrados, estáticos. Cismo preocupado com uma sensação inexplicável de desconforto.

Enquanto o pensamento dá voltas no labirinto da inquietação, a campainha toca.

Percebo a movimentação de alguém que deixa a cozinha, atravessa o corredor e atende. Ouço uma fala abafada de mulher, que permite a entrada.

Angustio-me. Quem é ela? Quem chegou? Quero participar, mas meu corpo não reage, não obedece as minhas vontades. Sinto-me rígido, uma pedra. Rumores de passos se aproximam. Uma mulher alta surge alheada ao umbral da porta do quarto lixando as unhas pintadas de uma tonalidade rósea.

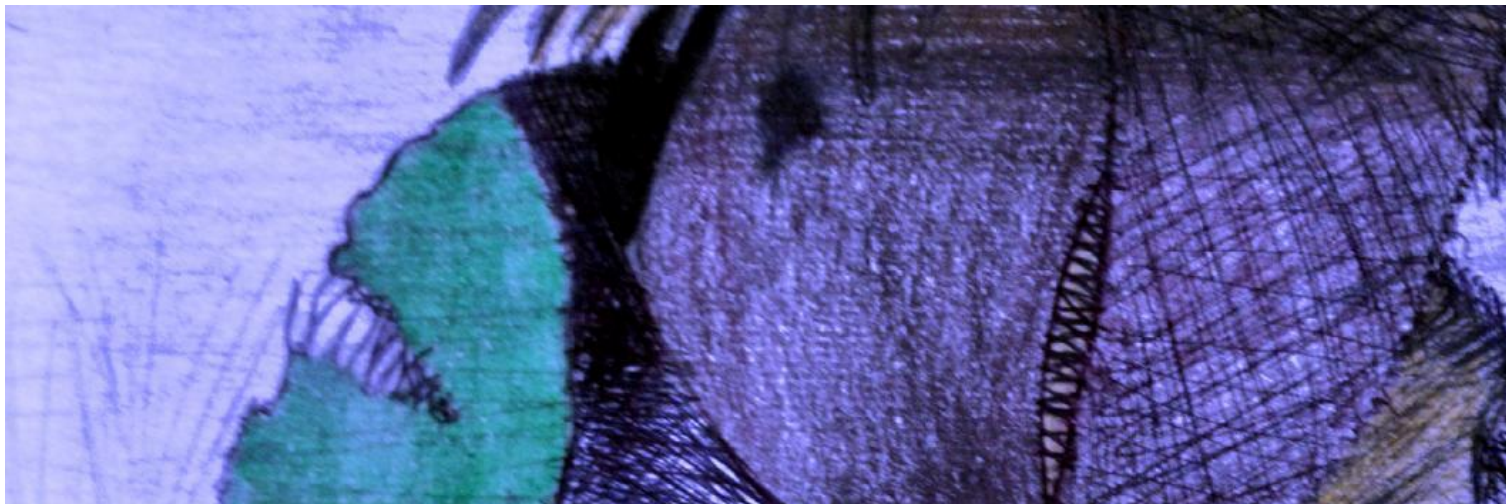
O temor se instala. Conheço o talhe do rosto, as curvas dos lábios. Ilusão?

O manequim se transformara numa mulher real!

Então, dá passagem aos mesmos carregadores que trouxeram a mudança. Minha boca permanece imóvel e reprime o bosquejo de um protesto.

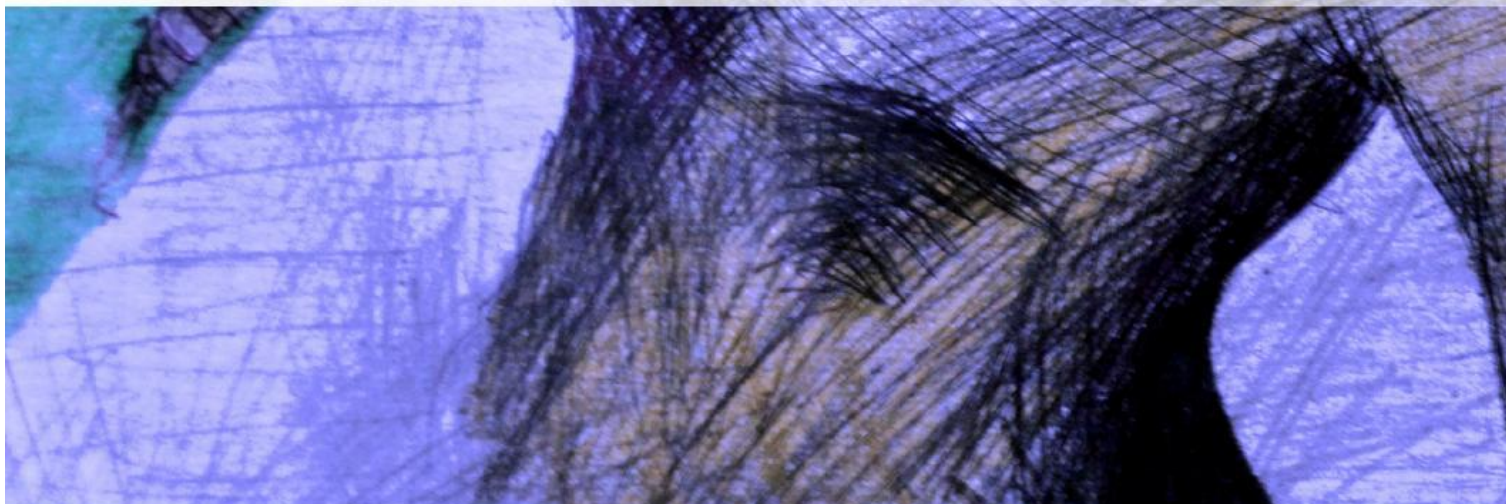
Ela reclina a cabeça e arregala os olhos vermelhos, que brilham intensamente. Em seguida, aponta o dedo em minha direção com um ligeiro sarcasmo.

“Eis o manequim que vocês entregaram por engano. Podem levá-lo para o seu verdadeiro dono”.



*“...golpeia o lombo do animal com mais força,
o Engenho é iluminado por um filete de sol.
Às costas, apenas a escuridão que começa
a compor as cores da noite.”*

ATA

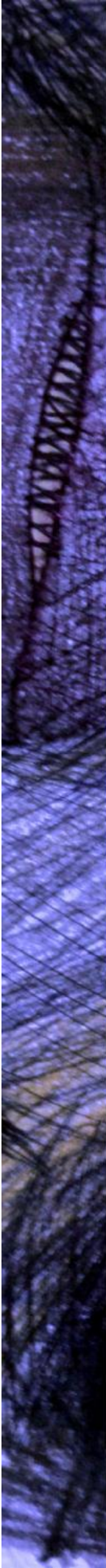


Atalante cavalga pelo o matagal. O Engenho ao longe, com a imponência e a solidão de uma catedral abandonada. Até o Engenho, forcejando as rédeas do cavalo, Atalante chegará a tempo de encontrar Chico. Mesmo com esse vento. O cavalo já decorou os caminhos do matagal. O matagal dobrado, pêlo verde e inclinado como quem presta alguma reverência. E Atalante cavalga rasgando o matagal como fazia com as próprias pernas ainda quando pequeno.



ATALANTE

Era junto de Chico que cruzavam os corredores intrincados do canavial. Atalante nunca foi nome de guri. E por isso Chico chamava Atalante de Ata. Vamos, Ata, agora eu sou o xerife, tu é o bandido. E saíram Chico e Atalante em desabalada correria, as mãos transformadas em pistolas como nos filmes de banguê-banguê que passavam no Cine Sete de Setembro. Uma das mãos, a direita, transformada num L que nunca amolecia, sempre alerta para o dispa-



ro. O dedão era o cão, o indicador o cano reto e inapelável. E o matagal, a imensidão do matagal, o labirinto interminável que abrigava as tardes intermináveis e de mortes de mentirinha.

A tarde se despede de Arvoredo em câmera lenta. Ao contrário da cavalgada de Atalante. Olhos concentrados no Engenho, Atalante não

consegue reparar em mais nada ao redor. A concentração dos olhos no Engenho começou logo que o cavalo abriu a primeira brecha no verde do matagal. A violência do choque das patas com a vegetação gerou um som parecido com o estalar da madeira queimando em alguma fogueira de Arvoredo. Atalante golpeia o lombo do animal com mais força, o Engenho é iluminado por um filete de sol. Às costas, apenas a escuridão que começa a compor as cores da noite.

Atalante nunca foi guri de temer qualquer coisa. Nas brincadeiras com Chico, ganhava a noite em meio ao canavial, escondendo-se do amigo travestido de bandido, simulando ares de polícia, encontrando novas brechas nos entrefolhas. A lua normalmente ajudava na coragem. Conjugava-se com o céu estrelado de Arvoredo como refletores naturais de suas brincadeiras.

Havia apenas uma parte do canavial que Atalante evitava: o terreno do Espantalho. Quando Chico cansava de perder, de levar o tiro derradeiro nas costas, de ser surpreendido pelo silêncio quase invisível que Ata impunha quando queria, rumava ao Espantalho, dava indícios de sua trilha, deixava rastros propositais. Atalante simulava seriedade e coragem e seguia no passo lento. Via crescer aos poucos aquela figura animalesca que afastava os pássaros, cujo rosto anunciava a ausência dos olhos, os braços abertos parecendo que podem fechar-se num abraço eterno e mortal diante de qualquer distração. Ninguém sabia explicar, mas o terreno do Espantalho sempre anoitecia antes do resto do canavial. Parecia até que as estrelas fugiam dali. E que a lua virava o rosto para ele.

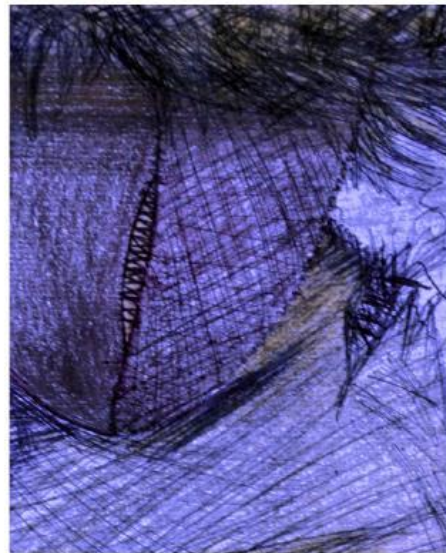
Atalante fecha os olhos, mas sente o calafrio pelo corpo inteiro. Sente que passa pelo terreno do Espantalho. Até o cavalo perde a frequência da cavalgada, hesitante e medroso. E de olhos fechados Atalante desce novamente o mango sobre o lombo do bicho, pune o medo do animal como se violentasse seu próprio temor. Abre os olhos somente quando passa o calafrio. O Engenho cresce rápido diante dele. No vento que se joga contra Atalante e o cavalo, a fumaça fedorenta do palheiro confir-

ma a presença de Chico. Atalante puxa de leve as rédeas, obriga o animal a trotar, anuncia no pescoço de pelo escuro, em dois ou três tapas mais carinhosos do que brutais, que o destino deles está próximo.

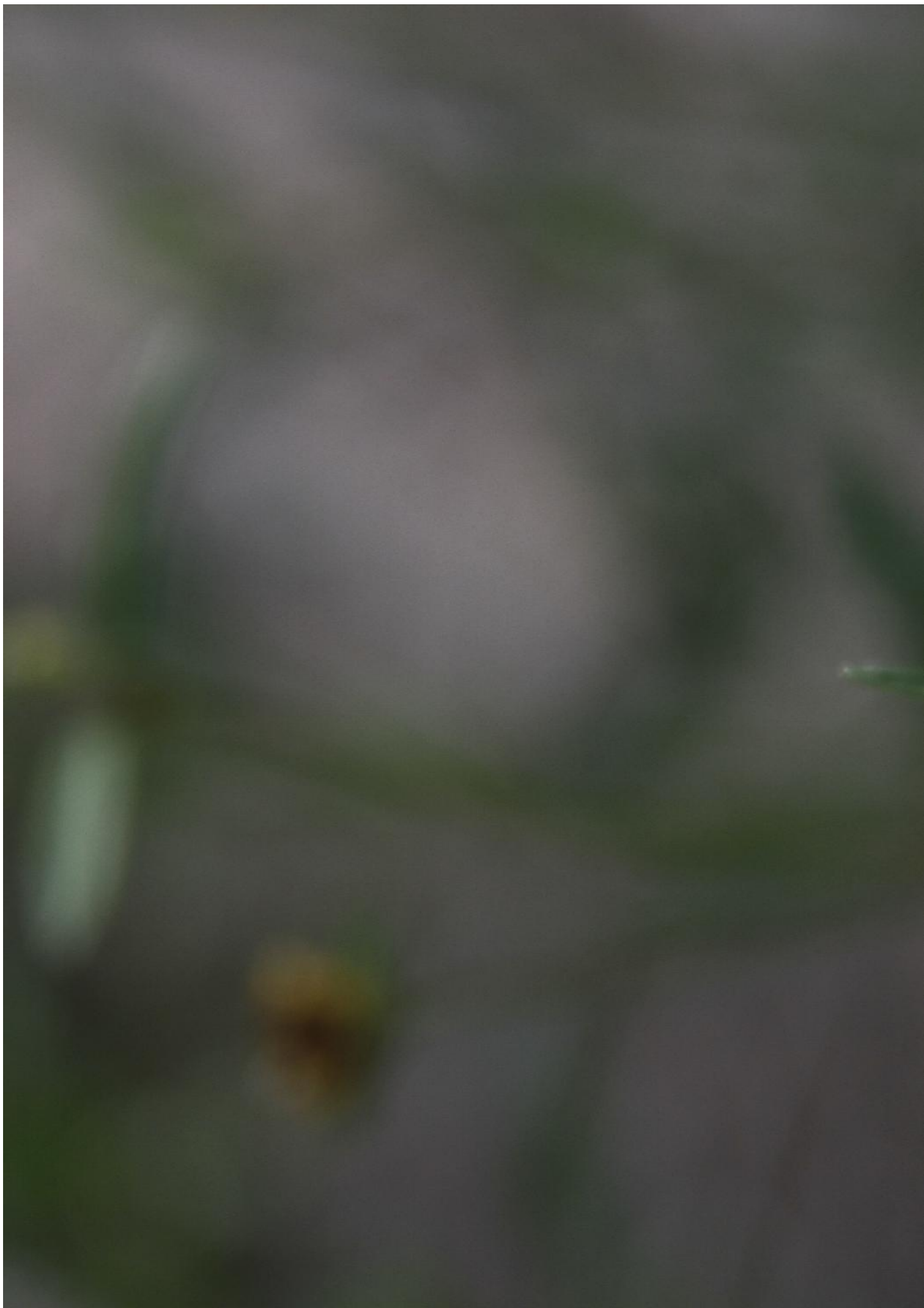


O cavalo estaciona diante da porta do Engenho. Chico espera Atalante do lado de dentro, com o palheiro ainda na boca, a fumaça subindo alto, morrendo no mesmo lugar onde morre a luz do lampião. Atalante observa espantado o vazio ao redor de Chico, o silêncio afirmado na ventania da noite já feita, o silêncio que sugere Chico sozinho, desarmado, desprotegido. Chico tem o rosto alaranjado, ora mais escuro, ora mais claro, dependendo da direção do fogo que vai e vem dentro do lampião. Num momento em que a chama do lampião vem e ilumina o rosto de Chico como num clarão, Atalante enxerga o mesmo riso irônico de sempre, de quando

Chico rumava para os lados do Espantalho, fugia pelo canavial para surpreendê-lo nas balas invisíveis da infância. Agora a bala era de verdade. Agora Atalante era o mocinho de verdade. Agora era Chico o bandido de verdade. Atalante ainda tenta se desculpar antes do disparo. Chico abre os braços feito o próprio Espantalho. E logo se ouve uma explosão pesada, que ecoa de imediato no matagal e espanta alguns pássaros escondidos na escuridão.



Na iluminação parcial que o lampião permite, Atalante ainda observa, antes de morrer, o Espantalho com a espingarda em mãos, o rosto ausente de olhos, os membros costurados como quem fora rasgado em partes muitas. Ele e Chico se abraçam, tomam as rédeas do cavalo que ameaçava fugir nas mãos e partem para o matagal, sumindo na insondável escuridão de Arvoredo.



Tarde de um primeiro dia sobre mim *



Narjara Medeiros

No espelho o rosto. Vermelho. Uma ferida aberta em mim. Um estreito poço e eu inteira dentro dele. Um enorme poço e eu inteira sobre ele. O rosto buraco fitando o absurdo. Jorro d'água, rios desmontando cercas e casas. Mansarda destelhada. A bússola insiste a direção, o relógio insiste o morredouro. Um poço e dentro dele o eco estourando o nome soletrado pausadamente. Um nome soletrado pausadamente tem mais verdade que um nome sem demora. Lenta palavra sobre as coisas. Um dia traz o final da palavra de duas sílabas. Um rosto vermelho traz sangues e guelras escondidas. Amor é uma palavra de duas sílabas. Um rosto vermelho traz a faca antes do encontro, o nome rápido, o sopro. **Um rosto vermelho traz o tempo e o espaço e o espaço sobre o tempo. Esse instante que me toca e me diz um nome traz também um rosto morto.** "Vermelho" é o nome desse rosto morto. Não vejo mais o círculo. Antes do círculo o sonoro acontecimento. E apenas isso. Corpo buscando afetos e tentando o sim. O sim. Afirmação absoluta de todo movimento que propõe o outro. O toque traz o encontro, o toque mais profundo adensa e perpetua o encontro. Sol que se faz púrpura na tarde de inverno ante a janela. Coração almenara no deserto-noite. Coração sol que se faz púrpura na tarde de inverno ante a janela. Violáceo antes do púrpura. Janela. No rosto o ocaso e depois a lua.

Carnes estendias nos varais carnes nos paralelepípedos. E o sol moldando e comendo a morte destas carnes. No espelho o rosto é menos vermelho. O sol engoliu o vermelho do rosto. O sal engoliu a candura do rosto. O deserto sabe e espera o passo certo. Do not open gritava outra voz dentro e fora do poço. Abri só pra olhar a tessitura da boca que urrava nomes veias anêmonas estrelas do mar. Do not open. Abri. Uma escada e uma corda enrolada na escada. Almenaras no fundo do poço. Lá no fundo eu teria sossego e radiola. Uma música serena na língua que eu mais gostava. A boca dentro da radiola cantaria uma música serena na língua que eu mais gostava. Alfombras e almofadas sobre as alfombras. Ombros e asas sobre os ombros. Guelras e espadas sobre as guelras. Uma janela mostrando as árvores ou as raízes das árvores porque é dentro da terra que se faz o poço. Lá embaixo alguém receberia a minha carne e o rosto vermelho e o reflexo do rosto no espelho. Lá embaixo alguém tocaria a minha mão e me deixaria também tocar a sua. Lá embaixo o abraço é verdadeiro. Lá embaixo encontraria braços para o abraço verdadeiro. **Um corpo só pra mim entre as raízes. Um corpo que se faz inteiro diante do meu rosto. Um corpo pra sugar e alargar o estreito do meu corpo.** Um corpo para lançar-se sobre geometrias e desfazê-las. Não geométrico esse espaço entre mim e o

corpo novo. Boas-vindas. Boas vindas. Tantas vidas escondidas inacessíveis pela carne desse que se faz presente. Desse outro corpo no agora do tempo. **Foi preciso abrir o corpo. Abrir o poço. Do not open alguém gritava. Abri. Do not open.** Abri. Dentro do poço sob a escada eu encontraria uma voz capaz de pronunciar meu nome corretamente pausadamente cyclamen petúnia barbatimão bomba hidráulica. Uma boca feita para dizer meu nome. Braços e dedos para acolher a quentura do meu rosto. Há fogueiras cachoeiras pássaros dentro de mim. Mas nenhum corpo para receber a dimensão dessa cascata ancorada no infinito e muito além. Jamais quis matar um corpo jamais quis grafar no corpo o espelho do meu rosto jamais quis deixar no corpo dentes e esporas. Mas nas cidades os corpos querem doenças e guerras e eu não tinha doenças e guerras embora tivesse mesmo uma ferida. Uma ferida e dentro dela a radiola sussurrando uma música bonita. Uma música bonita soprava suas ondas no último degrau da escada que tocava no fundo do poço. O último degrau toca o fundo do poço. Não há o último degrau não há o fundo do poço. Não há uma música bonita no fundo do poço. Não há o poço. Espelho e azulejos no banheiro da casa de doze cômodos. Sentei na borda da banheira cruzei as pernas e acendi o cigarro. Um inseto cabeceava o lustre acima de todas as coisas. Suas asas faziam uma música bo-

nita acima e entre os azulejos. A porta fechada e a chave trancava a porta. Fumaças no espelho e azulejos. Atrás da porta o corpo delirando águas sovando a sombra fertilizando o pesadelo. Há uma sombra atrás daquele corpo eu pensava e pronunciava a palavra sombra entre fumaça espelho azulejos. Vontade de sair e lhe contar sobre o alabastro as nuvens quão pequeno é o ninho do bem-te-vi há tartarugas gigantes em Aldabra. Há meu corpo inteiro só pra você um corpo inteiro só pra você. Dedos e sementes só pra você. **Fotossistema II Citocromo Fotossistema I ATP sintase na membrana dos tilacoides. Cloroplasto.** Transferência de energia transferência de elétrons moléculas de pigmentos centro de reação. Energia. Depois o ciclo de Calvin-Benson. Estroma. Cloroplasto. Quebra do gás carbônico liberando oxigênio e gerando moléculas de carboidratos trioses glicoses. Energia. Fotosíntese. Plantas e homens interligados. Plantas produzem oxigênio e consomem gás carbônico. Homens consomem oxigênio e produzem gás carbônico. Respiração. Cada movimento uma música pequena se forma no espaço e essa música tem a ver com orações. Não, ele não escutaria. Há uma sombra que lhe fecha os olhos e os ouvidos e não lhe permite adensar o corpo alargar os dedos sentir a textura nas asas do colibri a textura da nêspera do mirtilo o aroma da dama-da-noite o segredo das

plantas que comem mosquitos. Havia tanto para lhe contar sobre a vida mas ele não podia. Armadura dentro do corpo uma muralha imensa dentro do corpo. E a sombra apertando as fechaduras soldando as chaves no ferro dos escudos aafiando espadas aumentando muros. Só restará você e essa sombra eu queria gritar de onde estava. Ou dizer pausadamente. Sentada na banheira observando a música nas asas do inseto. Só res-ta-rá vo-cê e essa som-bra. Bem devagar. Sem ruído. Sem raiva. Só a valsa tranquila de uma frase feita com sangue. Só res-ta-rá vo-cê e essa som-bra. Ele escutaria ou não. Ele não escutaria. Mas eu teria dito e com isso um novo mundo se abriria em minha frente. Só res-ta-rá vo-cê e essa som-bra. Como você sabe que há a sombra? Eu vi um vulto negro sobre os seus ombros. Quando? Desde o primeiro instante primeiro olho no olho primeiro abraço. E a sombra tem cara do quê? Cara de sombra. Ele não sabe sobre a sombra. Eu deveria contar? Ou deixar que descobrisse sozinho? O outro aponta em nós as nódoas que não vemos. Aquelas que sentimos, mas que não vemos. Então eu deveria contar. Mas como? **Há uma sombra atrás de você. Ele diria que todo ser diante do sol tem uma sombra eu diria que a sua sombra persiste antes e depois do sol.** É uma ferida também, como a minha, mas de outra cor. E sem espelho. Uma ferida sem es-

pelho é a sombra que ele tem. Devo descer no poço e procurar outra boca outros dedos outra resposta? Ele diria que sim e diante do sim eu partiria mas sem dizer adeus. **Silêncio absoluto no corpo que se vira e abre a porta. Do not open. Abri. Silêncio absoluto no corpo abrindo a porta. Abri.** A sombra é um medo inútil eu tentaria dizer com a boca encostada na madeira da porta mas não teria nenhuma palavra feita de ferro e não teria pregos e martelos e uma força de leões. Ele não escutaria. Na esquina eu acenderia outro cigarro e procuraria um inseto bamboleando as asas na lâmpada de um poste mais alto do que eu. Porque nesse momento depois da porta eu sentiria o corpo se erguer e tentar tocar o céu. Estou maior depois da porta. Deveria voltar e dizer que a verdade também é uma palavra boa, ela alarga a altura do corpo ela traz chaves e portas e jardins com flores orvalhadas. Tente encontrar as verdades no seio do corpo. Tente tocar em silêncio, no escuro, as suas verdades. Mas sem nomeá-las. Só tato e panteras. A sombra não é uma verdade. É uma ilusão coerente. Um desespero que se fez morada, cimento. A sombra tem a ver com ausência absoluta dessa escada que se ergue para o alto dessa escada feita de dedos dessa mão para tocar areias e vasos de terracota. A verdade é a mão que toca as madeiras o átrio a clavícula o dactilo o feno-grego a madreperla. Mari-

posas na lâmpada vaga-lumes no pasto dos cavalos. Há verdade também nesse tato sem palavras nesse ulular só sentido e movimento. Se abrisse a porta outra vez eu pediria a ele para dizer só a verdade. Mas ele não teria nenhuma verdade para ser dita. Nenhuma flecha no bojo atrás das costas. Eu tentaria outra vez. Vai lá dentro e constrói a sua flecha. Penas e árvores para uma flecha de verdade. **Palavras e frases para uma flecha-falsa. Eu deveria dizer adeus antes de fechar a porta? Dizer adeus pausadamente. A d e u s.** Adeus é uma palavra que pressupõem uma existência misteriosa. E depois a inexistência dessa coisa misteriosa. A-deus. Sem deus. Dizer adeus é enterrar uma universalidade. Uma forma de vida. Um mundo inteiro. Não. Eu não diria adeus. E poderia também, no banheiro, enquanto fitava as asas cutucando o vidro fino de uma lâmpada sem sabor, pensar na gravidade de um toque inesperado. Sair e abraçá-lo. Apenas abraçá-lo. Com todas as asas e braços que há dentro de mim. Sêmele morreu vendo a intensidade da força de seu amante quando ele se mostrou inteiro e verdadeiro. Quem morreria? Eu ou ele? Talvez já estivéssemos metade-mortos e fosse bom recomeçar. Sobre o rio o vento sopra o nome ponte. Reconstruir. Dois corpos se erguem para isso. Uma ponte feita de carne. Conexão entre dois mundos e depois vários. Preparando o café

ele queimou a torradeira. Sem querer quebrou xícaras e riu. Você está tenso? Estou. Pesadelo? É. Saímos para tomar café na padaria no largo dos jacarandás. No caminho ele falava sobre ventos e ondas e eu tentava em silêncio alcançar uma palavra ecoando só por dentro. Essa palavra não tem a ver com ventos e ondas. Tem a ver com mariscos? Como você sabe? Porque você é inteira feita de mar. Sou pedra. Não, é inteira feita de mar. Ele riu e eu não ri. Ele gostava das águas mais do que eu. Uma vez nadando mergulhou e viu uma foca amamentando. E depois viu baleias e corais. Eu só via água e areia quando mergulhava. A rua tranquila, sete horas da manhã. Domingo. Primavera. Vamos cozinhar hoje à tarde? O quê? Cuscuz marroquino com chá de rosas brancas. Eu ri. Isso parece um poema. É uma receita. Tem certeza? Inventei agora. **Não quero pensar no almoço. Há distancias incorrigíveis entre o agora e o depois. No alto a copa dos jacarandás. Lilás. Desisti do café e fui ver de perto o instante com flores e maritacas.** Ele entrou na padaria. Eu sentei no banco de onde era possível observá-lo na saída. Se tivesse caneta e papel escreveria o deserto é um órgão dentro do corpo. Ele sozinho pediria café com leite de coco pão com queijo sem manteiga pão de

queijo. Eu não sentia fome. Sentia uma dor mas não era fome. Em segredo eu mantinha a minha dor. Verdade ou não, essa dor me corroía. Ele saiu segurando a sacola com as coisas que eu gostava. Espumante camembert salaminho Lapataia pão australiano pão francês geleia de ameixa. **Corri para abraçá-lo mas ele não quis. As mãos carregadas, o corpo cheio. Vontade de voltar pra cama outra vez. E dormir até amanhã. Mas ainda é cedo, o dia começa a partir das nove. Que horas são? Nove.** Começou. Pra mim ainda não. Eu passaria mais um tempo olhando os jacarandás. Então fique. Tá, vou ficar. Fiquei. Deitei no banco e adormeci. Durante o sono senti perninhas ligeiras caminhando pelas minhas pernas e era mesmo bom. O vento soprava longe e eu não sabia o que era sonho e o que não era. Abri os olhos e vi que uma velha acariciava as minhas pernas. Não faça isso, eu gritei. Ela sorriu e se aproximou, dentes arroxeados. Disse que acabara de vomitar quinze cerejas em conserva. Eu me lembrei das sacolas cheias. Senti saudade de casa e quis voltar. Tenho saudade de casa, quero voltar. Pra onde? Pra

casa. Onde fica? Olhei ao redor e não reconheci. O largo dos jacarandás perfeitamente como antes. O banco. Mas não a padaria a rua duas lojas duas casas a floricultura pequenina o prédio de quatro andares. Quer ver o vômito? É branco e tem quinze bolinhas vermelhas inchadonas. Quer ver? Quero. E fui. Na estrada de pedras a lagoa e dentro o barco. Não é barco. É canoa. Na estrada de pedras águas e canoa. A velha dobrou o vestido e fez um laço. Eu entrei em seguida, atrás dela. Não espere acordar. Não é sonho. O que é? Outra porta. Apenas outra. Há várias, adiante. Como essa. Não vi porta nenhuma. E não vi ceijas não vi o branco e não tinha céu e não tinha gosto de nada. Sabia que por dentro a ferida se fechava e outra coisa se abria mas sem dor. É a porta. Que porta? Outra porta. Não estou vendo. É por dentro que se faz a porta. E apontou a sombra atrás de mim. Eu também tinha uma sombra quando não tinha sol. E isso tem a ver com a ferida. Está indo embora, olha. E esse barulho? Címbalos. Címbalos? Apenas escute, a

coisa não é menos coisa sem a compreensão do nome. E olhei no alto o estreito escuro se despedindo, uma coisa escura com cara de cão raivoso cara de máscara triste de folha de palmeira seca cara de fome. **É a sombra. Eu também tinha essa fossa atrás das costas. Ele não viu. Eu vi a sombra dele. Ele não viu a minha. E a sombra dele? Isso é com ele.** Cada carta no seu tempo. Aberta e explicada. Ele morava numa casa de bambu em frente ao arrozal. Morava com um cabrito que lhe servia de doméstica e o filho que sabia voar. E apesar da beleza no verdinho do arroz ele não dormia. E quando dormia sonhava sangue e galos degolados. Cook fight. Uma serpente vermelha entrou um dia na sala da casa. Ela tinha um espelho amarrado no rabo. O homem pisou no espelho e quebrou o corpo

dela. No outro dia veio a mulher benzer a casa. Vá embora daqui. Pra onde? Não sei, apenas vá. O teu filho te leva nas asas dele. E o cabrito? Leve para o mato. E depois? O que você vê lá na frente? O mar. **Tem uma canoa pertinho do mar. Não é canoa, é barco, o filho gritou do alto onde estava. Uma velha serena com vestido de laço os esperam na proa do barco.** Eles foram. As asas do filho remavam o barco, homem e velha brincavam de escrever haikais. Num pedaço de água, no instante perfeito para o toque, barco e canoa se chocaram.

* frase extraída do conto inédito
“Eu e a Imperatriz Gansa”,
de J. L. Mora Fuentes

REVISTA

PEABIRU

A Revista Peabiru é um projeto de extensão realizado pela Secretaria de Comunicação Social com a colaboração de professores e alunos de diferentes áreas do conhecimento da UNILA. O projeto surgiu com a ideia de produzir uma revista para difundir a cultura da América Latina vivenciada na Universidade e na região da Fronteira Trinacional.



Uma revista
colaborativa
sobre cultura
latino-americana

Com o objetivo de dialogar com a comunidade, a Revista busca formar uma rede de autores-colaboradores, para ilustrar em suas páginas a diversidade cultural dos sujeitos latino-americanos imersos na região da fronteira trinacional. A criação de uma Revista cultural como a Peabiru tem, principalmente, a missão de contribuir para a integração dos cenários latino-americanos manifestados pelas distintas vozes que ecoam desta fronteira.

Para colaborar, envie o seu material para revista.peabiru@unila.edu.br
Siga este caminho, faça parte da Revista Peabiru.

www.unila.edu.br/revistapeabiru